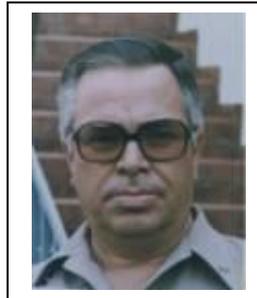


**SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS , NA REVISTA DO CLUBE MILITAR , MAI/JUN 1980, NO CENTENÁRIO DE SEU FALECIMENTO EM 8 DE MAIO 1980.**



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro, Santa Catarina, e Sorocaba etc . Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Foi instrutor de História Militar na AMAN, 1978-1980 e Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985-1980, depois de comandar o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982. Foi Diretor Cultura do Clube Militar e de sua Revista no Centenário do Clube Militar em 1987.**

**MATERIA DIGITALIZADA PARA DISPONIBILIZÁ-LA EM LIVROS E PLAQUETAS, NO SITE DA FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA HOJE FAHIMTB, DOADO EM BOLETIM A AMAN E SENDO INTEGRADA AO PROGRAMA PÉRGAMO DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO**

REVISTA DO  
**clube militar**

MAIO-JUNHO/1980

**CENTENÁRIO  
DE  
FALECIMENTO**



**CAXIAS**

# SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS

*(Especial para a Revista do Clube Militar)*

*Ten Cel Eng QEMA CLAUDIO MOREIRA BENTO\*  
Instrutor de História Militar da AMAN*



*Foto inédita do então Marquês de Caxias durante a Guerra da Triplíce Aliança. Consta ter ela servido de base ao pintor Pedro Américo para pintar o já Duque de Caxias no óleo sobre a Batalha de Avaí. Fonte: acervo pessoal do Cel Vitoldo Wolouski.*

\* O Ten Cel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento possui os cursos de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras (EME) e de Analista A pela EsNH. Integrou a Comissão de História do Exército Brasileiro (1971-74). É membro dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro, de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e da cidade de São Leopoldo e das Academias Brasileira de História e Rio-Grandense de Letras. Autor de 8 livros e plaquetas entre os quais se destacam: As duas batalhas dos

Guararapes; Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul e Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro, ensaio editado pelo EME sob a forma de manual e considerado por sua SD/3 de interesse profissional. É colaborador em assuntos de História do Exército em diversos periódicos civis e militares brasileiros. O presente ensaio foi elaborado pelo autor para evocar o Duque de Caxias, o Patrono do Exército, no transcurso do centenário de seu falecimento em 7 de maio de 1880.

## INTRODUÇÃO

O dia 7 de maio de 1980 assinalou o CENTENÁRIO da morte de um dos nossos maiores estadistas, o DUQUE DE CAXIAS E MARECHAL DE EXÉRCITO EFETIVO, LUÍS AL VES DE LIMA E SILVA, que prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais serviços, como político e administrador de contingência e, inigualados, como militar de tradição, vocação, a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania Brasileiras. Por esta última razão foi consagrado de direito, em 1962, pelo Exército Brasileiro, onde se forjou e de cujo seio emergiu no cenário nacional, como seu Patrono, no sentido com que Pedro Cal-mon definiu o termo: *"o chefe integral de uma instituição, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nela vibra, a síntese mágica de suas virtudes e de seus brios"*, e acrescentaríamos: seu oráculo em momentos difíceis para autocríticas e correções de caminhos, ou na busca das soluções mais adequadas em determinada conjuntura.

Ainda em vida, e nos últimos cem anos, desde sua morte, o povo, a imprensa, chefes, escritores, pensadores e historiadores civis e militares têm procurado defini-lo, entre outros, com os seguintes títulos: "Filho querido da vitória"; "o Pacificador"; "General Invencível"; "Condestável, escora e espada do Império"; "A maior espada do Brasil"; "o Wellington Brasileiro"; "o Duque de Ferro e da Vitória"; "o Escravo da Pátria"; "Nume ou Espírito Tutelar e Símbolo da Nacionalidade" e o de o "Maior Soldado do Brasil". A este propósito julgam alguns analistas de nosso processo histórico caber de fato ao Duque de Caxias os títulos de Patrono e mesmo de Fundador da Nacionalidade.

Evidenciar a significação histórica da obra deste grande e exemplar cidadão e soldado, que figura, sem favor nenhum, por sua Ação Pacificadora e por suas manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na galeria dos maiores capitães da História Universal, é o objetivo de nosso artigo. Evocação do centenário de seu falecimento, evocação através de uma amostragem histórica, de opiniões expressas nos últimos cem anos por instituições, autoridades, escritores, poetas, pensadores e historiadores civis e militares, os quais também procuramos aqui homenagear, por o terem estudado e consagrado. Mas antes recordemos o antológico trecho do discurso do então Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, falando em nome do Exército, no sepultamento do Duque de Caxias, em 9 de maio de 1880, no Cemitério do Catumbi, oficial a quem Caxias dirigiu as seguintes palavras, ao encontrá-lo após 1870 na rua do Ouvidor esquina com a 1º de Março: — *"Que falta o Senhor me fez na guerra! Se o tivesse a meu lado quanta coisa teria ocasião de escrever!"* Eis as palavras de Taunay à beira do túmulo do Pacificador:

*"Só a maior concisão unida, a maior singeleza é que poderá contar seus feitos. Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza."*

## A GLÓRIA EM VIDA

Caxias conheceu a glória em vida. Atingiu a culminância da hierarquia militar: foi o único brasileiro a receber o título de Duque, bem como o que recebeu, em mais alto grau, as mais significativas condecorações imperiais.

Em 1878 seu biógrafo, o Monsenhor Pinto de Campos, escrevia livro sobre Caxias do qual destaco estes trechos:

**"A carreira militar e política do Sr. Duque de Caxias encerra nada menos que 55 anos. É fato sem precedentes. Alexandre viveu entre glórias, mas apenas 16 anos. César, aos 17 anos de sua primeira guerra de Espanha, caiu sob o ferro de Brutus e Cássio. Carlos Magno batalhou uns 40 anos, e assim mesmo tinha sido batido em Roncesvalles. Para Turenne, entre Tudlingen e Saltzbach medeiam 32. Para Conde, de Rocroy a Sene, 31. Para Napoleão, da Itália a Waterloo, 20 anos; e assim poderia ir confrontando vantajosamente o longo período, abrilhantado pelo general brasileiro, com os que deram nome eterno às primeiras espadas do mundo. Sim, homens destes não deviam morrer. São esteio da pátria, farol seu, sua glória, sua esperança."**

**Escrever acerca da vida do Duque de Caxias em qualquer quadra da sua já dilatada e, ainda mais, preciosa existência é sempre compor uma página da História do Brasil autônomo. Começou ele verdadeiramente a sua carreira com a Pátria independente, e quase não há um notável sucesso desde meio século, em que tal nome se lhe não ache honrosamente vinculado.**

**Outros se têm ocupado e outros muitos se ocuparão de pôr ante os olhos do público o estágio percorrido pelo homem fadado a assegurar a prosperidade desta nação; e quando a foice inexorável lhe deixar só o nome na memória humana, virá o futuro historiador colocá-lo na vanguarda das celebridades brasileiras e, sob alguns aspectos, das celebridades universais. O cidadão de cuja biografia passo a ocupar-me tem-se distinguido por muitos títulos, mas aquele por que prima é o de militar. Sua espada, sempre e só desembainhada em defesa das instituições e da Pátria, tem prestado ao País os mais úteis e brilhantes serviços.**

**Tem sido o guerreiro por excelência, conquanto não haja quem mais de coração lamente os deploráveis abusos e usos da força." (CAMPOS, J. Pinto de, mons. A vida do Grande Cidadão. 18781.)**

## MANIFESTAÇÕES NO FALECIMENTO

Ao falecer foram prestadas a Caxias diversas homenagens. Delas destacamos as seguintes:

### Do Exército Brasileiro

**"O país perde, na pessoa do Ínclito general, um dos seus mais conspícuos cidadãos; o Rio Grande do Sul, o seu generoso e prudente pacificador, e o Exército, o valente chefe que, maior número de vezes o conduziu à vitória em lutas externas e internas. A perda que acabamos de sofrer é, pois, irreparável para a Nação e para o Exército e todas as homenagens que foram prestadas ao ilustre morto ficarão aquém de seus serviços, de seus grandes merecimentos." (CÂMARA, General. Ministro da Guerra, 8 de maio 1880.)**

**"Sua vida foi o conjunto de preclaros feitos; e, ao extinguir-se, revelou ele a modéstia de seu elevado caráter, na dispensa que fez de todas as homenagens oficiais que a lei lhe dava direito. Seu útimo desejo foi que o conduzissem ao túmulo seis soldados. O vencedor de tantas batalhas finalizou seus dias; e, na trajetória da vida que acaba de descrever, nunca foi vencido, como bem o disse em sua Ordem do Dia nº 269, datada de Villeta, em 21 de dezembro de 1868." (OD 1512. Ajudante Geral do Exército. 8 maio 1880.)**

"Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil, foi o Duque de Caxias; se houve quem menos os fizesse valer, foi o Duque de Caxias. Em muitas ocasiões, onipotente neste país e fora dele, nunca abusou do poder que se concentrara em suas mãos. Também ninguém até hoje teve no Brasil séquito igual. Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas, senhores, estes soldados que circundam agora a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós, militares de norte a sul deste vasto Império, vimos render ao nosso velho marechal, que nos guiou como general, como protetor, quase como pai, durante quarenta anos; soldados e orador, humildes todos em sua espera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevação da homenagem e pela sinceridade da dor" (TAUNA Y, A. Discurso em nome do Exército no sepultamento de Caxias. Cemitério do Catumbi 9 maio 1880.).

### Do Senado

O Sr. Correia "***A profunda emoção que experimentei ao ler nos jornais de hoje a infausta notícia do passamento do heróico soldado, o Duque de Caxias, estou certo de que foi igualmente sentida por todos os honrados membros desta casa (apoiados unânimes) e o será mais tarde pela nação inteira, quando esse triste acontecimento for sabido nos últimos recantos do Brasil (apoiados). É com razão, pois, que nenhum brasileiro pode aspirar o mais alto nome entre os servidores da pátria. Os seus dias, extensíssima parte de sua gloriosa existência, contam-se por serviços à causa pública (apoiados) e, como guerreiro, as suas batalhas enumeram-se por vitórias. O Exército, de que foi ornamento, dará testemunho da sua bravura nos combates, como de sua generosidade depois do triunfo.***

***Esta casa não recusará também o testemunho de seu respeito pela maneira devotada por que o ilustre senador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul desempenhou sempre os seus altos deveres como legislador (apoiados), e a Nação há de conservar gravado em seu seio o perpétuo reconhecimento ao cidadão distinto, que em toda a parte onde lhe foi confiada a guarda do pavilhão nacional soube desfraldá-lo sempre com a maior glória e heroicidade.***" (BRASIL. Senado. 8 maio 1880. Anais).

### Da Câmara de Deputados

O Sr. Sousa Andrade "***A vida do Duque de Caxias ocupa, com esplendor, mais de uma página da nossa história. Ninguém o excedeu em patriotismo e abnegação, quando seu dever o chamava ao posto que lhe era destinado na alta administração do Estado ou à frente do Exército Brasileiro.***

O Sr. Joaquim Serra — ***Foi um grande cidadão e um ilustre soldado.***

O Sr. Sousa Andrade — ***Suas últimas inextinguíveis glórias conquistou-as ele nos inóspitos campos do Paraguai, quando já valetudinário, em idade muito adiantada, e quando gozava das mais cobiçadas distinções e honras a que se pode esperar no Brasil. Ali, mais que uma vez, afrontou a morte, expondo-se, resolutamente aos mais arriscados lances e perigos da guerra.***" (BRASIL. Câmara dos Deputados. Anais. 8 maio 1880.).

### Do Conselho Supremo Militar de Justiça

***General, soube guiar à vitória os exércitos mais numerosos que tem visto a América do Sul; político, manejou com firmeza as rédeas da governação do país, como ministro em três ministérios e como organizador de Gabinete dirigindo os destinos do Estado em ausência de seu chefe. A autoridade que por vezes exerceu, sem contrastes e quase sem limites, deu-lhe ocasião de mostrar quanto eram***

*grandes e generosos os sentimentos que o animavam, quanto era moderado o seu nobilíssimo caráter. As qualidades eminentes que revelou, nos grandes comandos militares contra inimigos externos ou nas lutas fratricidas que ensangüentaram o solo da pátria, igualaram-se em feitos a Hoche, o pacificador da Vendéia; a Massena, vencedor da Itália, o Filho Querido da Vitória, marcando-lhe o primeiro lugar no Panteão da História Pátria. Aceitai, pois, Sr. Comendador Nogueira da Gama, e transmitia ilustre família do distinto morto as condolências do Supremo Conselho Militar p,* do Conselho Supremo Militar de Justiça. 11 maio 1880.).

#### **Do Rio Grande do Sul**

*"Representante da Província do Rio Grande do Sul, como seu administrador e seu filho, cumpro o imperioso dever de manifestar a V. Exa. os sentimentos do profundo pesar que causou, nesta província, a dolorosa notícia da morte do ínclito Duque de Caxias. O Rio Grande deve a sua grandeza, a sua felicidade ao benemérito duque, porque foi ele quem trouxe a paz ao seio da família rio-grandense, dilacerada por desastrosa e terrível guerra Civil."* (PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL, Presidente. 1880.1.)

#### **Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**

*"Indo ao encontro da justiça da história, diz a Pátria: Coberto das palmas de inúmeras batalhas, ele só me deu este revés, desaparecer de entre os vivos.*

*Diz a Monarquia: — Perdi nele o maior baluarte da ordem e o melhor apoio do trono.*

*Diz o Exército: — Ele era o infalível precursor do triunfo, o predileto da glória na pugna, a encarnação dos brios marciais.*

*Diz a família: — Ele era o ídolo do lar, aquecido, no culto da moral, ao sacro lume do amor, em honra das tradições que immortalizam o passado, em prol da educação com que se forma e anima o porvir. Console-se a Pátria, resigne-se a Monarquia, ufane-se o Exército, descanse a família, com a certeza de que o benemérito varão fulgura no meio dos redivivos, entre o legendário Osório e o ínclito Conde de Porto Alegre. "* (MUNIZ, Rozendo. Discurso do IHGB no sepultamento de Caxias. 9 maio 1880. ).

#### **Do Historiador Capistrano de Abreu**

*"Caxias dispensou as honras militares. Fez bem! As armas que ele tantas vezes havia conduzido à vitória teriam vergonha talvez de não terem podido libertá-lo da morte."* (MORAIS, Vilhena de. *Novos Aspectos de Caxias*. 1937).

### **INAUGURAÇÃO DE SUA ESTÁTUA EQUESTRE - 1889**

*"Para perpetuar a gratidão da nação do Brasil e a memória das suas virtudes cívicas e militares e dos altos feitos com que engrandeceu a Nação na paz e na guerra."* (ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Ata.). Ocorreu nove anos após sua morte e três meses antes da Proclamação da República.

### **CENTENÁRIO DO NASCIMENTO**

*"Duque, de Caxias, uma das culminâncias da Pátria, um dos guias imorredouros da jornada do Brasil através da História, um dos fanais da multidão no labutar das*

*tradições, um dos mestres, um dos chefes espirituais da nação."* (ROMERO, Silvio.RMB. 35:7.)

*"Quando passava no seu uniforme de Marechal do Exército, ereto e elegante, apesar da idade, todos nos perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era somente o respeito devido à sua alta posição hierárquica; havia mais a veneração religiosa e a admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quisesse, desde um herói até um mártir. Por isso quando ele passou pela frente do 16º em Itororó, com as faces incendidas e a espada curva desembainhada, foi preciso o comandante mandar — Firme para que não o seguíssemos todos."*(CERQUEIRA, Dionísio. RMB. 35:244.).

Durante cerca de trinta e três anos de República o culto a Caxias foi pouco intenso. Os próprios periódicos militares pouco escreveram sobre sua vida e obra.

## 120º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO

Decorridos cerca de trinta e nove anos de quase silêncio e com apoio da reedição do artigo do General Antônio José Dias de Oliveira "**Caxias - Pacificador**" publicado no **BOLETIM MENSAL DO ESTADO-MAIOR**, do ano anterior, o Ministro da Guerra, Marechal Setembrino de Carvalho, o Pacificador do século XX, por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero no Ceará em 1911, a do Contestado em 1916, e a Revolução de 23 no Rio Grande do Sul, baixou Aviso 443 de 25 de ago 1923:

*"Convindo para servir ao culto de nossas tradições, que a exemplo do que se pratica com Osório e Barroso, se renda, cada ano, ao Duque de Caxias a homenagem de nossa veneração, resolvi se realize hoje, data natalícia desse glorioso general, uma formatura de tropas do Exército, às quais se hão de reunir destacamentos da Marinha e da Brigada Policial, no terreno adjacente à sua estátua. E nenhuma ocasião é mais própria do que esta, para instituir, como ora o faço, com o caráter permanente, a festa de Caxias que se efetuará, a 25 de agosto."* (PILAR, Os. Patrono das Forças Armadas. 1966, p. 54).

Por esta época trabalhava ativamente no estudo da vida e obra de Caxias, aquele que seria, e ainda é, o seu maior biógrafo: o Dr. Eugênio Vilhena de Moraes que em 1925 localizava a espada de campanha do Pacificador e a doava ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde a relíquia se encontra.

## PRIMEIRA ENTREGA DO ESPADIM DE CAXIAS

Em 16 de dezembro de 1932 teve lugar defronte do monumento de Caxias, no Largo do Machado, a primeira cerimônia de entrega dos espadins, arma privativa e distintiva dos cadetes do Exército e cópia fiel reduzida da espada de campanha do Duque de Caxias. Na ocasião, em Ordem do Dia, o Cel José Pessoa, Comandante da Escola Militar do Realengo e idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras falou a certa altura:

- *"Cadetes! Defrontando com a estátua do Marechal Luís Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim — arma-distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou, com refulgência inigualável, as páginas gloriosas da história nacional, marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Pátria e mais a estremeceu."* (Bl nº 297 Escola Militar de Realengo, 1932.).

## 133° ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO

A REVISTA MILITAR BRASILEIRA (RMB) editou o volume 35 dedicado à memória do Duque de Caxias. É procedido um aprofundamento biográfico e dela recolhemos os seguintes trechos antológicos a começar pelo de seu maior biógrafo, E. Vilhena de Moraes, que em 1933 havia editado a obra **Caxias, o Duque de Ferro**.

**"Duque de Caxias, filho e neto de soldados, homem da lealdade e da honra, aliando a cruz à espada, foi guerreiro vencedor nunca vencido, obreiro da paz, da concórdia, e da Unidade nacional."** (MORAIS, E. Vilhena de. RMB. 35:284, 1936. O maior biógrafo de Caxias).

Ainda em 1933, Osvaldo Orico havia escrito em Porto Alegre a obra o **Condestável do Império** da qual recolhemos esta pérola:

**"Caxias restituiu materialmente ao Império mutilado a mecânica da disciplina e a unidade geográfica da ordem."**

Passemos às apreciações na Revista Militar Brasileira (RMB):

**"A grande espada de Caxias, corajosa e superiormente apontou aos olhos de todas as gerações brasileiras a herança máxima, a questão vital de nosso destino: a Unidade,** RMB. Editorial, 35. 1936.1.

**"A calma, o equilíbrio intelectual na luta, a firmeza nos reveses, a magnitude na vitória levaram Caxias ao capitólio da glória. Ele é e será sempre o ídolo do Exército, e o Exército é a Nação. Diz a Ilíada que a ferrugem da lança de Achilles curava as mesmas feridas que a lança fizera. A ferrugem da espada de Caxias ainda hoje incute bravura e patriotismo ao soldado brasileiro, porque dentro dela está a alma brasileira. Salve Caxias!"** (BRANDÃO, Paulo José Pires. 35:230, 1936.1)

**"Ao Duque de Caxias couberam graus máximos das mais honrosas condecorações do Império. Sua espada unificou a Pátria, alicerçando o trono, daí o acesso do grande homem pelos degraus brilhantes da nobiliarquia e pelas condecorações honoríficas com que a Pátria, agradecida, prestigiava e estimulava os seus beneméritos. Caxias obteve todas as honras que no Império poderiam ser conferidas a um cidadão. Ninguém, mais do que ele, fizera pelo Brasil. As suas condecorações representam glória e civismo!"** (SANTOS, Francisco Marques dos. RMB. 35: 23. 1936.1.)

**"Padrão de glória da nossa Nacionalidade, o Duque de Caxias é, sem dúvida, uma dessas figuras onde sobrelevam atributos tão nobres e tão belos, que a menos, não tivéssemos vivido dentro de seu tempo, sentido o ambiente em que gravitou — como um astro de primeira grandeza, a personalidade inconfundível que era eté<sup>^</sup> como militar, como homem ou como político, quiçá um dos mais hábeis e perspicazes que já tem tido o Brasil —, nada nos levaria a outro estudo que não o de seu papel através da Iconografia Brasileira."** (JÚNIOR, Garcia, Dr. RMB. 35:39, 1936.1.)

**"Na maioria, as lembranças do grande general que levou o Exército Brasileiro às maiores pugnas vitoriosas do continente, desapareceram com o tempo, através das gerações, sabendo-se notícia de muito poucas entre as principais. A Grã-Cruz da Ordem de Pedro I, que se destinava somente aos príncipes de sangue e foi o único a receber, está no Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora. O altar portátil, diante**

**do qual ouvia missa, antes de sair para inspecionar seus exércitos ou entrar em fogo, acha-se no convento de Santo Antônio. A espada com que levou seus bravos soldados à vitória sobre a ponte ensanguentada de Iitororó, da qual se tirou o modelo reduzido que usam os cadetes de nossa Escola Militar, encontra-se no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Além dessas, bem poucas outras se conhecem. Perderam-se, desgraçadamente, as suas lembranças materiais; mas as recordações espirituais de sua obra de guerreiro e estadista, estas são uma perene lição de patriotismo que extravasa das páginas da História e enche de admiração as gerações do presente.** " (BARROSO, Gustavo. RMB. 35:69, 1936.1.)

**"Caxias, em ofício datado de 8 de abril de 1868 e escrito em Parecuê, refere-se com ufania a pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como se prova com a transcrição do seu ofício. Para tratar condignamente de Caxias no Instituto, bastará citar todos os documentos do arquivo da mesma associação referentes ao insigne marechal, cujo nome é um dos mais belos ornamentos não só da história do Exército Brasileiro, mas, principalmente, da nossa Pátria, para cuja integridade ele tanto se dedicou e com tanto proveito.**" (FLEIUSS, Max. RMB. 35:71, 1936.1.)

**"Honra, pois, ao espírito excelso de Caxias e à sua memória venerável. Reverência eterna àquele que foi o maior servidor da Unidade Nacional, que esteve sempre ao serviço da Ordem e que foi surdo aos conciliábulos, que se sobrepôs às paixões partidárias, que, acima dos homens e das conveniências políticas, serviu à Pátria e que é, por tudo isso, um exemplo a seguir, no presente há de ser um guia luminoso para os que sonharem com o Brasil próspero, respeitado e feliz, que foi o grande sonho de sua grande vida.**" (DOCCA, Sousa, Cel. RMB. 35:115, 1936.1.)

**"Caxias presidiu, pois, duas províncias: no Norte o Maranhão; no Sul, duas vezes, o Rio Grande do Sul; no Norte em plena guerra civil, no Sul, na guerra civil e externa. Administrou o Maranhão um ano e dois meses; o Rio Grande, pela primeira vez, três anos e três meses; da segunda vez, um ano e um mês. Abençoada soma de cinco anos e meses! Evitou a subtração da Unidade Nacional, a multiplicação dos ódios na Pátria, a divisão dos nossos brios no estrangeiro.**" (DÓRIA, Escragnole, Dr. RMB. 35:121, 1936.1.)

**"Na Câmara dos Deputados, onde se feriam com mais veemência os grandes debates políticos-administrativos é que, obrigado a romper o silêncio a que se votava, Presidente do Conselho ou Ministro da Guerra, mais longa e frequentemente falou, jamais com brilho, mas com clareza, concisão digna e um tanto de austero patriotismo que sempre o deixava bem. Caxias- senador é o mesmo de em tudo mais: digno e alto como homem; patriota e útil na palavra e na ação; alma pura e caráter íntegro.**" (PINHO, Wanderley. RMB. 35:163, 1936.1.)

**"Três vezes assumiu Caxias a pasta da Guerra, gerindo seus negócios nos períodos: de 14 de junho de 1855 a 4 de maio de 1857; 02 de março de 1861 a 24 de maio de 1862 e 26 de junho de 1875 a 01 de maio de 1878. As questões primordiais do Exército tiveram, nas gestões governamentais do preclaro estadista, a solução devida; e de outras que se encontram por resolver, como a das Colônias Militares, delineou ele a rota a seguir.**" (SILVA FILHO, José Faustino da. RMB. 35:165-176, 1936.1.)

**"Dele disseram que foi a espora de um Império. Ninguém o contesta. Mas só se identificou de todo com a Monarquia, porque nesta se encarnava, ao tempo, a Unidade do Brasil, de que foi o defensor máximo. As honras e distinções imperiais vieram ao seu encontro, não como prêmio de validismo, e, sim em homenagem a seus relevantíssimos serviços. Delas, aliás, não precisava. Para sua glorificação, bastam dois títulos — o de Pacificador e o de primeiro de nossos generais —, que**

***Ihe foram conferidos pela gratidão dos brasileiros, em vida e depois da morte. "***  
(LYRA, A. Tavares de. RMB. 35:188, 1936.1.)

### CAXIAS EM 1939

***Duque de Caxias é o Patrono do Exército. Foi o maior vulto da História do Brasil e um dos maiores generais das Américas. Invencível nunca teve uma derrota. Conquistou todos os postos e todas as honrarias à custa tão somente de seus altos feitos militares e de sua ação patriótica pela pacificação do povo e integridade do solo sagrado onde tivemos a ventura de nascer. Foi sua espada gloriosa que impediu o esfacelamento da Pátria.*** (TROTA, Frederico. História de Caxias. 25ago. 1939).

### CAXIAS SEGUNDO CASTELLO BRANCO - 1949

***"Caxias assenta todas as suas concepções e a sua conduta militar na máxima napoleônica de que "a guerra é uma arte toda de execução. " O "senso do praticável" é a característica em comando de toda a sua longa vida de soldado, inclusive no tempo de paz. O Caxias tático emerge de uma inclinação perseverante para a carreira das armas e com o tenente. Sua tática não é uma ação inconsiderada, mas não se perde nos atos compassados de jovens oficiais cautelosos. Seguro e audacioso, é sobretudo o exemplo para a sua unidade. Traços de sua vida militar desde a campanha da Independência até a do Paraguai".***  
(CASTELLO BRANCO, Cel. São Paulo, 1949.).

### TRASLADAÇÃO DOS SEUS RESTOS MORTAIS – 1949

Nesse ano seus restos mortais, após 69 anos no Cemitério do Catumbi, foram trasladados para o seu Panteão, defronte do antigo Ministério do Exército no Rio, inaugurado em 30 de agosto. O referido Panteão destinava-se a ser na Academia Militar das Agulhas Negras, conforme prevê o Plano Diretor da mesma. Com a transferência do Ministério para Brasília é possível que a idéia inicial venha a concretizar-se. REVISTA MILITAR BRASILEIRA (RMB), 50 (37), 1950, comemorativa da transladação dos restos mortais de Duque e da Duquesa de Caxias para o Panteão defronte do atual Palácio de Caxias, colhemos:

***"Senhores Oficiais-Generais:Pedi viésseis no Dia do Soldado a este Palácio do Catete, para unirdes a mim, como chefe constitucional das Forças Armadas, a fim de inaugurar nesta sala de despachos da Presidência da República, a nobre efígie do Patrono do Exército Brasileiro, de quem se poderá repetir com justiça que foi o primeiro na guerra e o primeiro na Paz: o Duque de Caxias",*** (DUTRA, Eurico Gaspar. Presidente da República.).

***"O dever precípua do militar é servir e ele o cumpre, por vezes, no decurso das discórdias entre irmãos, mesmo contra as suas próprias inclinações pessoais. Um dos pontos mais altos dos exemplos deixados pelo invicto Duque de Caxias, consiste, sem dúvida, na coerência, a admirável coerência de suas atitudes, durante mais de meio século de constante atividade militar, sem se deixar dominar por paixões pessoais. Ele foi em verdade o Condestável do Império e o grande guerreiro da Paz".*** (PEREIRA da COSTA, Canrombert, Gen. Ministro da Guerra.).

***"Pacificar, conciliar, consagrar, eram verbos habituais na conjugação do excelso brasileiro Duque de Caxias, que se projetou na história como supremo***

**artífice da concórdia e bastião extremo do dever. Estendia a política generosa da clemência e da justiça, que visava ao aproveitamento dos valores humanos sem indagar dos faróis do seu passado.**" (MORAIS, Ângelo Mendes de, gen. Prefeito do Rio de Janeiro, ao fazer entrega do Panteão de Caxias).

**"Como traço predominante no caráter de Caxias sobressaía uma imensa, incontida e natura/ modéstia. Se hoje ele fosse ouvido se negaria a receber dos seus semelhantes qualquer exaltação".** (SILVA, Bento Carneiro da, familiar do Duque de Caxias.).

### **Irmandade da Santa Cruz dos Militares.**

"Irmão como foi desta Irmandade, ocupou de 1871 a 1872 a sua alta direção como Provedor. Luís Alves de Lima e Silva não é só o Patrono do Exército: é figura proeminente e das que mais infunde respeito e veneração no passado brasileiro, o impecável paradigma de todas as virtudes capazes de exaltar até à perfeição, o soldado, o político, o diplomata e o Cidadão." (Irmandade da Santa Cruz dos Militares).

Nesse ano o Congresso Nacional criou, por proposta do Executivo, a Medalha do Pacificador, e a Prefeitura do Rio de Janeiro, medalhas comemorativas da inauguração do Monumento ao Duque de Caxias e Panteão Nacional onde se encontram até hoje.

## **SESQUICENTENÁRIO DE NASCIMENTO**

### **Junto ao Panteão de Caxias**

**Defronte do Panteão de Caxias, para uma concentração de alunos civis e militares, o então Coronel Jonas Correia, Professor do Colégio Militar, como orador oficial, pronunciou inspirada oração, da qual destacamos os trechos a seguir. O orador citado é o atual Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro."Nem só a mocidade militar encontra na existência de Caxias uma fonte riquíssima de ensinamentos, assim morais que profissionais. Também a juventude civil hauri na conduta do cidadão — um inestimável acervo de lições, todas emanadas dos árduos embates da vida. Caxias fez a costura indestrutível da união das nossas antigas províncias, agindo no Maranhão, em São Paulo, em Minas e no Rio Grand. Em todas as campanhas em que se envolveu, teve a fortuna de polarizar o sentimento nacional, e em volta de sua figura o elemento civil se transmudava no melhor soldado do mundo — O Soldado de Caxias."** (CORREIA, Jonas, gen., Presidente do IHGMB. Discurso junto ao Panteão de Caxias, 25 ago. 1953.).

## **NA REVISTA MILITAR BRASILEIRA (RMB)**

Nessa oportunidade, a REVISTA MILITAR BRASILEIRA e a REVISTA AGULHAS NEGRAS, da AMAN, sob o estímulo do Gen Cyro Espírito Santo Cardoso, como Ministro da Guerra e ex-comandante da AMAN, produziram interessantes ensaios dos quais reproduzimos trechos:

**"Caxias, grande na nobreza e na política; insuperável nas armas, e na fé em Deus, foi expressão viva da dignidade humana e gloriosa personificação da lealdade às instituições."**(CARDOSO, gen. Cyro Espírito Santo Ministro da Guerra. RMB. 59: 13, 1953.1.)

**"Caxias, a Espada do Império, imortalizou-se por ter sido o consolidador da Unidade Nacional e o libertador de povos amigos, então sob o jugo de ditaduras caudilhescas. E nos campos de batalha da Itália foi o guia espiritual da Força Expedicionária Brasileira na luta vitoriosa contra o nazi-facismo."**(MORAES, Mascarenhas de. Marechal. RMB. 59: 15, 1953.).

**"Nos atos, nos atributos profissionais, nos predicados de caráter, ele personificou todos os títulos da nobreza humana. A sua espada escudou o Império e foi fator precípua da Unidade Nacional."**

**"Nas lutas externas guardou. Incólume. O prestígio do Brasil no continente. Nas contendas internas, a sua espada pacificadora dirimiu todos os dissídios sem deixar ódios, e foi algo como a própria história do Brasil-Império. "** (CAVALCÂNTI, Pedro, Gen. RMB. 59: 23, 1953.1.)

**"Providencial é o herói sem injustiça, o guerreiro sem ilegalidade, o chefe sem egoísmo, o político sem paixão, ou antes, impelido pela única paixão compatível com os deveres cívicos, que é a sagrada paixão do Bem Comum. É providencial o soldado que faz do destino nacional a sua diretiva, da glória imaculada a sua ambição, do sacrifício o seu timbre heráldico, das vitórias ganhas pelo País, os títulos impessoais da sua carreira honrada. Deste gênero de providencialismo falou Plutarco. Atenas e Roma orgulharam-se desta espécie insigne da grandeza humana. O Brasil conta, entre os beneméritos da sua formação, vultos ilustres que merecem tal qualitativo. Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias é, inegavelmente, um desses admiráveis Cidadãos. "** (CALMON, Pedro, Reitor da Universidade do Brasil, RMB. 59: 29, 1953.1.)

**"A brasilidade da obra de Caxias foi conscientemente executada dentro e fora das fronteiras de sua grande pátria. Basta a análise serena dos acontecimentos políticos de sua época, em que foi ator e autor destacado, para ficar evidenciado o patriotismo de suas incomparáveis realizações."** (UMA, A.F. Correia, gen. RMB. 59: 38, 1953.).

**"Caxias militar, Caxias administrador e Caxias político, era o mesmo chefe de família, que pautava sua vida pelos ditames da consciência, formada nos seus princípios da religião católica. "** (CÂMARA, Jaime de Barros, Cardeal. RMB. 59: 12, 1953.).

**"O estudo biográfico de Caxias, em tom definitivo e completo, será obra de vulto e grande fôlego. Se algumas biografias recentemente aparecidas exigiram vários volumes e cinco ou mais anos de pesquisas, como por exemplo a de Pedro I, que não será à relativa a Caxias, cuja atuação se entre/ça com os fatos históricos de quase um século de vida da nação! Quem empreender tal tarefa deverá possuir, além de erudição indispensável, conhecimentos profundos da técnica e da teoria da História, no seu atual estágio de desenvolvimento. Dobrará as qualidades de analista, de crítico, de erudito e de historiador enfim, com as do filósofo e do sociólogo."** (ARARIPE, T. de Alencar, gen., Presidente do IHGMB e ex-comandante da ECEME. RMB. 59: 55, 1953.).

**"Raramente um homem público fica com o seu nome respeitado e nos lábios de um povo, sem que os atos da sua vida tenham concorrido reiteradamente para isso. Por certo, a fama e a popularidade desses homens, não se mantêm no espírito público em eterna vibração. Essa é periódica e, de certo modo, regional. Mas, para nós, o caso de Caxias é todo especial. "** (MENDONÇA, Marcos Carneiro de, RMB. 59: 59, 1953.).

**"Caxias foi o mais oportuno dos nossos homens públicos da Regência, o mais necessário, o único, o que aparece no momento em que o Brasil tende a desaparecer, subdividido em pequenas repúblicas, inspiradas em interesses imediatos, em egoísmos locais — talvez respeitáveis, vistos isoladamente, mas**

**certamente em conflito com a evolução de nossa história que exige a união total.**" (VERÍSSIMO, Ignacio José, gen. RMB. 59: 71, 1953.).

**"Não fosse ele, porém, e é quase certo que a Monarquia teria caído com a questão dos bispos. O Duque, o que a sustentara com o seu gênio desde a formação da Pátria, representou naquela hora suprema e angustiante a medicina de urgência que lhe prolongou a vida por mais três lustros..."** (MAUL, Carlos da Academia Fluminense de Letras. RMB. 59: 79, 1953.).

**"No quadro nacional, Caxias foi modelo de chefe militar, consciente de seus deveres profissionais e de sua função histórica, de tão sadia qualidade como em nem todas as pátrias se encontra. Serviu essencialmente à Ordem, quando esta era a necessidade nacional preponderante e com isso se fez personagem vultosa de nossa história. Vidas como a de Caxias, são tanto mais edificantes quanto melhor saibamos com sinceridade e amor à verdade, inteligentemente compreendê-las. Ela nos mostra um chefe militar que conhece o seu ofício, e sabe desempenhá-lo cumprindo os deveres explícitos dele decorrentes e notadamente os implícitos, pelo que pôde servir à política como cidadão, sem as deficiências nem as máculas do individualismo perturbador. Exerceu suas mais eminentes funções em bem da Pátria, cujos interesses preponderaram em seu espírito acima dos seus próprios."** (MAGALHÃES, J. B., ceí. RMB. 59.- 94-5.1.)

**"Figura admirável do nosso patrimônio humano, foi militar por força natural da hora histórica nacional, que era a da espada, para formar, consolidar, realizar, vigiar, ordenar e criar, mas foi sobretudo o magnífico político e diplomata que modelou internamente a Pátria, árbitro de todas as questões da sua sobrevivência e diplomata que soube, nas raias continentais, desenvolver e compreender a obra pacificadora e estabilizadora do nosso Ministério do Exterior, que, sem a sua figura, toda a ação seria inoperante. A vida do Duque de Caxias é obra completa de político e diplomata, sob a túnica inteligente de soldado. A organização, ensinamentos militares e as ricas tradições que possuímos são frutos, na atualidade, da vida do Duque de Caxias. É difícil distinguir mais digno um do outro, os Generais contemporâneos de Caxias, vividos sob o influxo organizador e consolidador do mestre político e militar. O que mais valoriza o Duque de Caxias e a constelação brilhante de Oficiais-Generais é o fato de nunca terem viajado para o exterior em busca de escolas militares para aquisição de preparo militar ou aperfeiçoamento, sendo a única escola o próprio meio brasileiro. Foi tão forte e sólida a personalidade política do Duque de Caxias que, vindo do Brasil-Reino, atravessou de forma invulgar o Império (1º e 2º Reinados) e projetou-se na República, que o proclamou soldado máximo da Nacionalidade. Foi um dos raros homens brasileiros que larga e longamente vive na história civil."** (PIMENTEL, waidemíro, ce. RMB. 59: 143, 1953.1.)

**"Entre nós o vulto que maior renome alcançou até hoje foi o Marechal Duque de Caxias, e, a sua presença no bronze, em quase todos os Estados do Brasil, confirma de modo claro e preciso a afirmativa formulada."** (MATTOS, João Baptista de, gen. RMB. 59: 757, 1953.1.)

**"Todavia, por mais difíceis que se apresentem os problemas a solucionar no presente, sempre teremos a nos inspirar a conduta do imortal soldado, como exemplar acautelador dos supremos interesses da Pátria, em agitada época da História Universal e do Brasil. Quer nas suas peregrinas virtudes de cidadão e soldado, quer nos seus memoráveis feitos políticos e militares, temos a ventura de encontrar preciosos exemplos e fecundos ensinamentos indicados à orientação de**

***todos os brasileiros que tenham qualquer parcela de responsabilidade nos destinos da Pátria, cujo constante engrandecimento tanto desejamos.*** " (PEIXOTO, João Batista, gen. RMB. 59; 220, 1953.).

***"Caxias foi a espada de uma nação e entre tantos títulos mereceu o de Pacificador. Morreu quase obscuro, e, entretanto, com seu gênio militar e seu temperamento magnífico, havia mantido de pé um grande povo. Uniu-o, consolidou-o e o fez respeitado. E o que é mais, realizou tudo isso sem alarde e sem a violência abusiva e desnecessária. Não se embebedou na própria glória e no sangue derramado, mas lamentou esse mesmo sangue dos campos de batalha. Estava ungido do verdadeiro espírito da paz, que nasceu na América."*** (JOBIM, Rubens Mário, cap. RMB. 59: 227, 1953.).

#### **CAXIAS SEGUNDO OS CADETES DO EXERCITO - 1954**

***"A vida do Duque de Caxias é como um luzeiro onde suas virtudes são coruscações que ganham intensidade com o perpassar do tempo. Sua obra de fé e de civismo se eterniza num Exército Brasileiro forte, disciplinado e atento, sentinela da Pátria em todos os momentos. Ele enfrentou com altruísmo, des-cortíneo e galhardamente todas as lutas, confirmando na paz as memoráveis vitórias que seu gênio de guerreiro conquistou nos campos de batalha."*** (Sociedade Acadêmica Militar. AMAN. 1954).

#### **CAXIAS EM 1956**

***"Soldado, ninguém desejou quanto ele, a paz e a tranqüilidade das famílias. Repugnava-lhe o extermínio dos seus semelhantes. Só combatia no cumprimento do dever, em nome da honra, da justiça e do desagravo. Firmou a unidade do país e libertou três povos oprimidos. Foi o maior cabo-de-guerra da América do Sul, herói máximo do Brasil.***

***Era modelo de temperança e de rigidez moral. Impecável na vida pública e na vida privada. Adorava a esposa e foi-lhe fiel até o fim. Era amor-veneração. Ambos se conjugavam no mesmo enleio. Foi o mais alto cidadão da pátria: puro no lar, benquistado e respeitado fora dele.*** " (TINOCO, Brigido. Duas Paixões de Caxias. 1956, p. 10-v).

#### **CAXIAS SEGUNDO A ECEME-1959**

***"Como Comandante-em-Chefe foi organizador metuculoso e previdente, estrategista sagaz e inteligente, planejador sóbrio e objetivo, enfim, condutor audaz e intrépido em todas as horas de bonança e provação. Agiu sempre com a consciência e a visão de um grande chefe, dominando a conjuntura nacional nos seus aspectos político, administrativo e militar."*** (LIMA, Flamarion Barreto, gen. et alli, ECEME. 1959.1.)

#### **CAXIAS SEGUNDO O EME – 1972**

***"Caxias — Luís Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquês, e Duque de Caxias, três vezes Chefe-de-Gabinete de Ministro, Marechal de Exército, Senador do Império e Ministro da Guerra. Patrono do Exército. Excelsas virtudes, deixou ensinamentos morredouros para a doutrina militar terrestre brasileira."*** Estado-Maior do Exército, 3: 1003, 1972.).

#### **170° ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO**

**"É pela multiplicidade de sua presença na vida do país que Caxias há de ser conhecido, entendido e louvado. Como valoroso militar invicto, como político ilibado e severo, como administrador diligente e íntegro, como chefe de família modelar.**

**Dessa variada participação na vida do Império ficaram lições eternas. A primeira instituição que as recolheu foi o Exército Nacional que o fez seu patrono, seu modelo, sua inspiração. Da póstuma morada de seu Panteão, onde os camaradas lhe deram eterno repouso, o espírito de Caxias anima o seu Exército e comunica-lhe, através de todos os tempos, a flama imortal que dele fez o grande soldado. Pela dimensão de sua vida, pela preciosidade de seu exemplo, pela grandeza de suas lições, Caxias é um gênio inspirador que paira sobre a pátria inteira, extrapolando dos contornos de sua gloriosa e pujante instituição, para fazer-se credor de título mais amplo e mais proporcional à grandeza e à multiplicidade de sua vida edificante. Nume tutelar da Nacionalidade."** (PEIXOTO.. Nume tutelar., p. 582.).

### DUQUE DE CAXIAS - ENSAIOS BIOGRÁFICOS

Registramos a seguir, em ordem cronológica, destacando-se o ano da publicação e tecendo alguns comentários, os principais ensaios biográficos que focalizam a vida e a obra do Duque de Caxias. O registro, além de fornecer aos estudiosos uma gama de subsídios, visa homenagear os que se têm dedicado a estudar este grande soldado e cidadão e a divulgar, para a posteridade, os seus imortais exemplos de patriotismo, de fidelidade ao dever e de amor à ordem.

- 1867 1 ALENCAR, José de. **O Marquês de Caxias**. Rio, Villeneuve, 1867. (c/retrato).
- 1878 2 CAMPOS, Joaquim Pinto de, mons. **A vida do grande cidadão Luís Alves de Lima e Silva**. Lisboa Imp. Nac, 1878.
- 1880 3 BORMAN, José Bernadino, maj. **Marechal Duque de Caxias** Rio, Tip. Cruzeiro, 1880, 50 p. (Foi Ajudante-de-Ordens de Caxias).
- 1903 4 ROMERO, Silvio. **O Duque de Caxias e a integridade do Brasil**. Rio, Laemmert, 1903. (c /retrato).
- 1903 5 ABREU, João Capistrano de. O Duque de Caxias, **Gazeta de Notícias**, Rio, 4 ago. 1903.
- 1903 6 OLIVEIRA, Antônio José Dias, Gen. Caxias o Pacificador. **Revista da EMPV**, 1903.
- 1904 7 SEIDL, Raimundo Pinto. **O Duque de Caxias Esboço de sua gloriosa vida**. Rio, 1904. (c/retrato).
- 1907 8 MACIEL, Alfredo Pretextato. Duque de Caxias. **In: Os Generais do Exército Brasileiro**. Rio, M. Orosco, 1907.
- 1909 9 SENA, Ernesto. **Caxias**. Rio. 1909.
- 1920 10 HAFKEMEYER, João. **O Duque de Caxias**. Porto Alegre, Barcellos Bertaso, 1920.
- 1933 11 MORAIS, Eugênio Vilhena de. **O Duque de Ferro**. Rio, Calvino Filho, 1933.
- 1934 12 ORICO, Osvaldo, **O Condestável do Império**. Porto Alegre, 1934.

- 1936 13 REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Poliantéia sobre Caxias Caxias. (35), 1936. (vários ensaios)
- 1937 14 MORAIS, E. Vilhena de. **Novos aspectos da vida de Caxias**. Rio, 1937.
- 1938 15 CARVALHO, Afonso de. **Caxias**. Rio, Bibliex, 1938.
- 1939 16 TROTA, Frederico. **Caxias**. São Paulo, 1939.
- 1939 17 FIGUEIREDO, Lima. Caxias. **In: Grandes Soldados do Brasil**. Rio, Bibliex, 1939.
- 1942 18 CORREIA, Viriato. **Caxias**. Rio, 1942.
- 1943 19 BARROSO, Gustavo. **Caxias**. Rio, 1943.
- 1950 20 REVISTA MILITAR BRASILEIRA. 50, 1950.
- 1953 21 REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Poliantéia. 49, 1953.
- 1954 22 BARRETO, Flamarion et alli. **Caxias, O Comandante-em-Chefe**. Rio, ECEME, 1
- 1954 23 TINOCO, Brígido. **As duas Paixões de Caxias**. Rio, Bibliex, 1959.
- 1959 24 RAPOSO FILHO, Amerino, maj. **Caxias e a Doutrina Militar Brasileira**. Rio, Bibliex, 1959.
- 1966 25 PILLAR, Olyntho. Duque de Caxias. **In: Patronos das Forças Armadas**. Rio, Bibliex, 1966.
- 1971 26 CÂMARA, Reinaldo P. da. **Caxias um grande Capitão em Brasilidade e Catolicismo**. Porto Alegre, 1971.
- 1972 27 ABRIL CULTURAL. **Duque de Caxias**. São Paulo, 1972. (Boa iconografia a cores).
- 1973 28 PEIXOTO, Paulo Mattos. **Caxias Nume Tutelar da Nacionalidade**. Rio, Edição, 2 V.

### O PENSAMENTO MILITAR DE CAXIAS

Em que pese aos numerosos ensaios sobre a vida e obra do Duque de Caxias, pouco se dispõe sobre seu pensamento militar expresso. Este, matéria-prima relevante para contribuir para a formação dos quadros e da tropa e para o desenvolvimento da doutrina do Exército Brasileiro, segundo o espírito da portaria 061, do Estado-Maior do Exército, em 7 out. 1977. Seu pensamento militar expresso em funções operacionais nas de Ministro da Guerra, Presidente do Conselho de Ministros e Senador, encontra-se em milhares de documentos inéditos, espalhados em coleções de correspondências de outras personalidades de seu tempo, em vários órgãos: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Arquivo Histórico do Exército, Biblioteca do Exército, Museu Histórico Nacional, Museu Imperial, Arquivo Histórico da Câmara de Deputados e do Senado e arquivos do Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, no de seu maior biógrafo — o Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, e em muitos outros que nem se desconfia.

É impositivo um esforço no sentido de reunir todo este material, colocá-lo em linguagem atual e datilografá-lo dentro da técnica arquivista, para que historiadores e

pensadores militares os explorem doravante e deles colham ensinamentos da Arte da Guerra que possam ainda servir de alavanca na construção do Exército Brasileiro do futuro, à altura do destino de Potência que o Brasil procura atingir no terceiro milênio.

O material até hoje disponível não permite concluir-se o pensamento militar expresso de Caxias, bem como as fontes onde hauriu a sua invejável cultura na Arte da Guerra. Até agora seu pensamento militar tem sido em grande parte deduzido. Embora tenha afirmado ser mais "**militar do que político**", os estudos até agora produzidos sobre sua obra enfatizam mais o seu pensamento político do que o militar, não confundindo-se este com suas ações militares muito conhecidas, mas não devidamente exploradas à luz dos fundamentos da Arte e da Ciência da Guerra ou da Doutrina Militar em vigor em seu tempo.

O Duque de Caxias, já em 1861, visualizava a necessidade do Brasil possuir uma Doutrina Militar Brasileira, ou com progressivos índices de nacionalização. Manifestou-se a respeito na ressalva que fez como Ministro da Guerra, ao adotar para o Exército Brasileiro as Ordenanças de Infantaria do Exército de Portugal: "**Até que se desenvolva uma tática elementar genuinamente nossa, harmônica com as peculiaridades de nosso Exército e com a natureza de nossas guerras**".

Esse ideal foi manifesto em 1895, pelo Marechal Floriano Peixoto; em 1913 e 1919 por Euclides Figueiredo e seus co-fundadores da **Defesa Nacional** e integrantes da Missão Indígena na Escola Militar do Realengo: por Humberto Castello Branco, como instrutor por três vezes de Tática e História Militar da ECEME e, após seu comandante; e por J. B. Magalhães em seu livro **Evolução Militar do Brasil**, Bil/iex, 1958, o maior clássico da História da Doutrina Militar no Brasil, além de por muitos outros destacados profissionais de nosso Exército, conforme se conclui do estudo de nossa Literatura Militar.

Para a conquista deste alevantado ideal, temos convicção de que o levantamento e a análise crítica do pensamento militar expresso pelo Duque de Caxias, durante cerca de 60 anos de vida pública, coincidente com a mais difícil quadra da Nacionalidade será relevante e, se iniciado agora, embasará uma grande homenagem no centenário de sua morte.

## INSTRUMENTOS DE TRABALHO PARA PESQUISAS SOBRE CAXIAS

Os trabalhos abaixo relacionados, parcialmente, remeterão o pesquisador para as fontes históricas relativas a Caxias e localização das mesmas. Completam as já citadas:

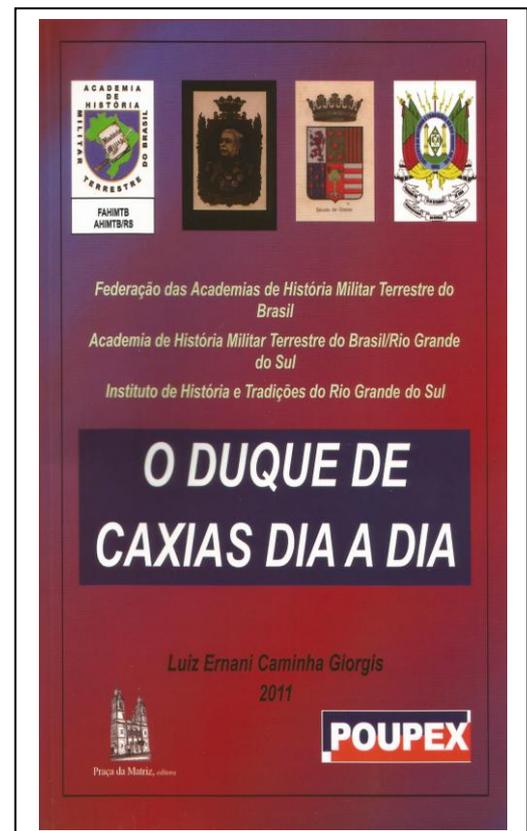
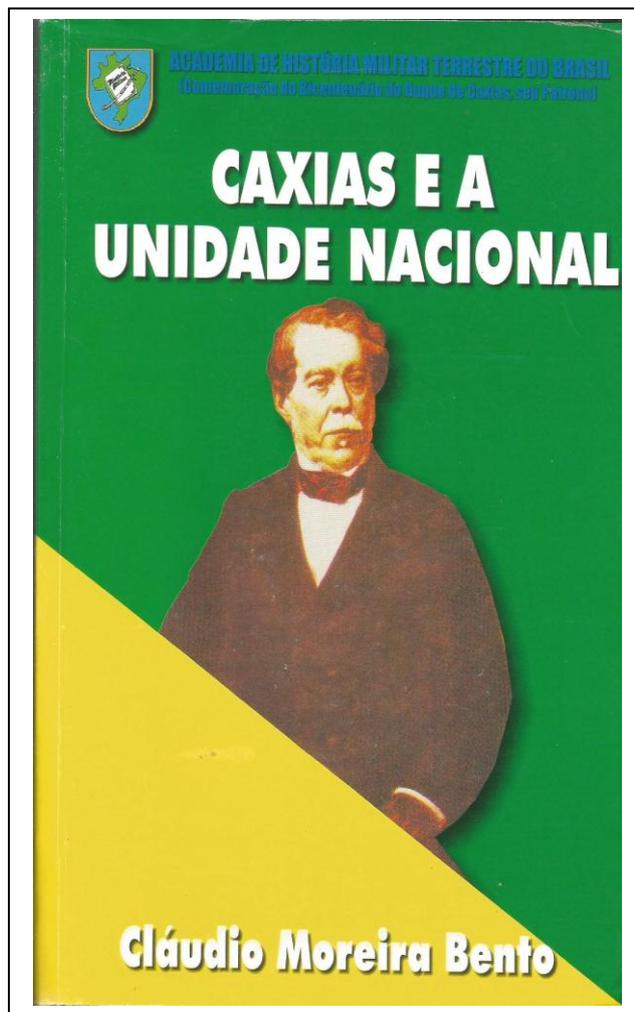
- 1 BENTO, Cláudio Moreira. **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília, EME, 1978 1ed e em 1999 2ed.
- 2 CATÁLOGO DA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO GERAL DO EXÉRCITO. Rio, Imprensa Militar. 1952. (Com prefácio de José Honório Rodrigues).
- 3 FLEIUSS, Max. Caxias no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. RMB. 35; 71-96, 1936. (Indicação de documentos). Vide, do mesmo autor, índice da RIHGB.
- 4 PAIVA, Tancredo de Barros. Caxias na Bibliografia Brasileira VE, 35: 49-65 1936. (Relaciona as principais fontes bibliográficas e hemerológicas até 1936).
- 5 PEIXOTO, Paulo Matos. Bibliografia. In: — Caxias NumeTutelar da Nacionalidade. Rio, Edição, 1973, V. 2. (Apresenta bem desenvolvida relação de fontes históricas sobre Caxias).

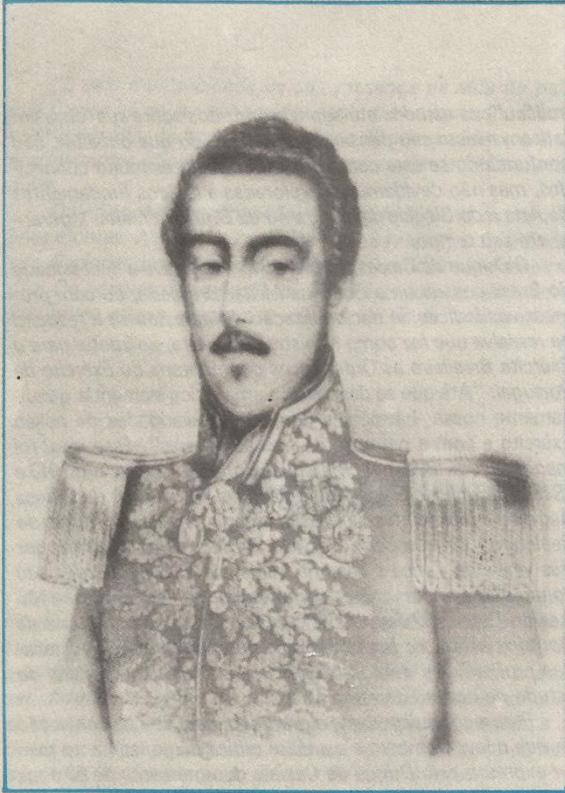
6 REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Nº34 1935,e nº 35 1936, nº 50 e agosto e ago. 1954. Apresentam farto material sobre Caxias.

7 SANTOS, Francisco Ruas. Coletânea Bibliográfica Militar.Rio, Bibliex, 1956. (Indicações de artigos sobre Caxias, de 1882 a 1956, Revista Militar, **Boletim Mensal do EME, e Nação Armada/**

8 índices das revistas: MILITAR BRASILEIRA (RMB), DEFESA NACIONAL E DO CLUBE MILITAR, até 1957, existentes nas redações desses periódicos.

Os livros a seguir **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre :AHIMTB/GÊNESIS,2003, foi editado no bicentenário do Duque de Caxias, que a partir de 1º março de 1996, consagrado como patrono e inspirador da AHIMTB, aqual desde 23.abril 2011 passou a ser denominada FAHIMTB. Obra que contem 130 ilustrações relacionadas com Caxias. E o livro **Duque de Caxias Dia a Dia**, foi publicado em 2001, e com nosso prefácio e ambos estão disponíveis em livros para serem baixados em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) . Creio sejam ate o presente os mais completos sobre o Duque de Caxias e se complementam. Foi editor do Livro Caxias e a Unidade Nacional, o hoje academico benemérito Professor Flávio Camargo, então professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



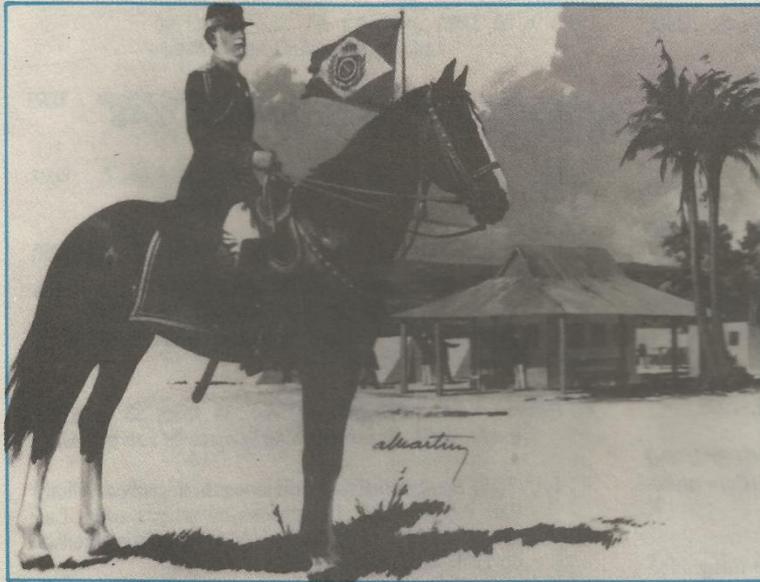


▲ Foto do então Barão de Caxias, logo após sua ação pacificadora da Revolta da Balaiada no Maranhão, de onde trouxe um índio orfão, ao qual deu o seu nome, criou como um filho e legou, em testamento, a avultada quantia de 400.000 réis e toda a roupa de seu uso.

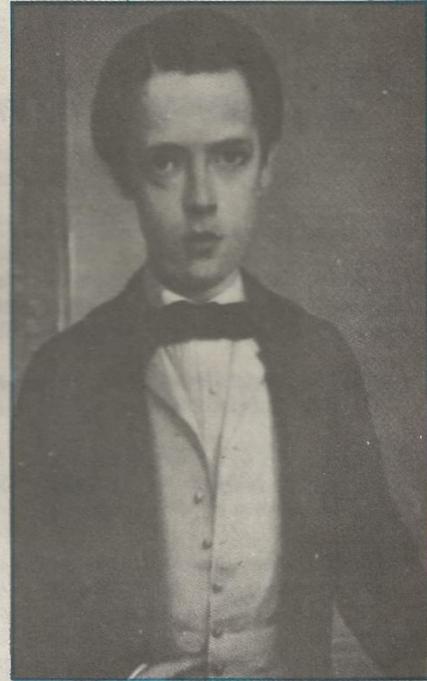


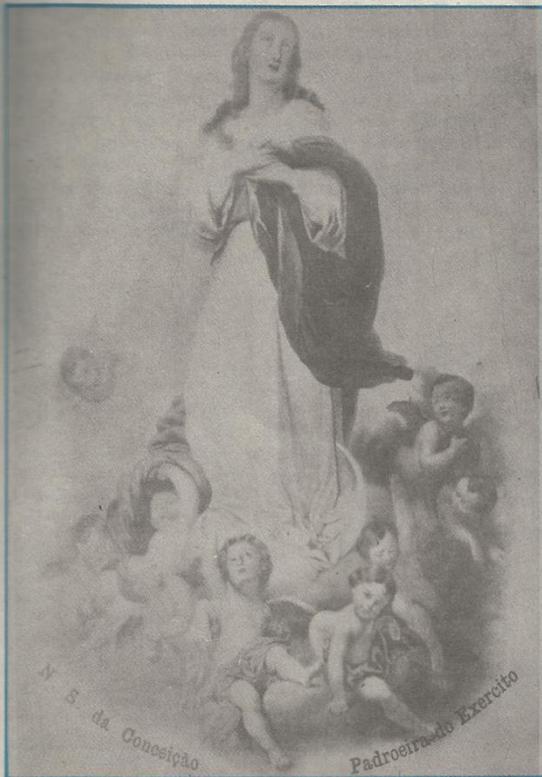
▲ O então Marquês de Caxias, com cerca de 52 anos de idade, ao assumir pela primeira vez as funções de Ministro da Guerra e logo após as de Presidente do Conselho de Ministros e a cadeira de Senador pela Província do Rio Grande do Sul. (Gravura de A. Sisson)

Luís Alves, filho do Duque de Caxias, em uniforme do Colégio D. Pedro II. Nasceu em 16 de dezembro de 1847, após seu pai haver realizado a sua obra pacificadora do Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Faleceu aos 15 anos de idade, em 18 de junho de 1862. (Fonte: Editora Abril).

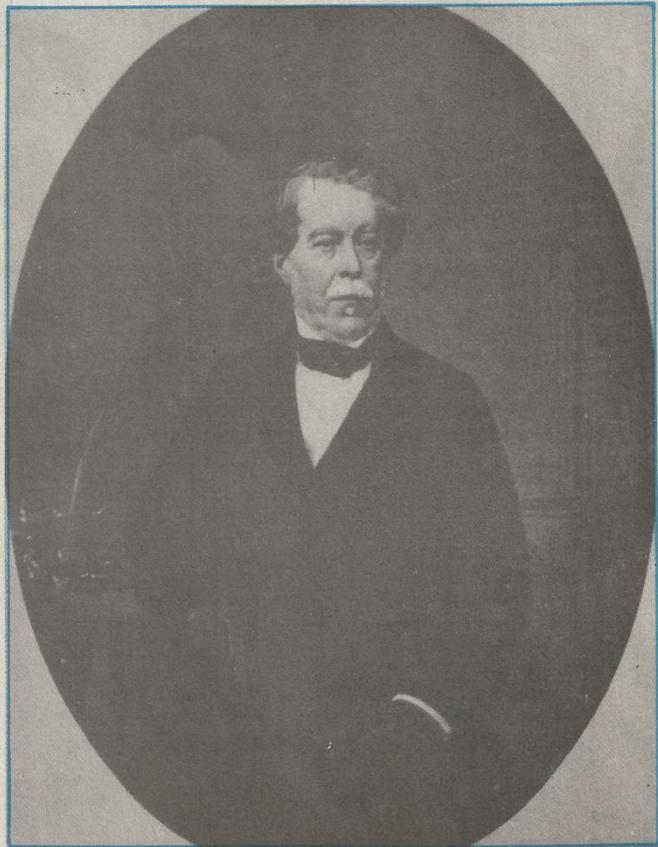


▲ O Marquês de Caxias, Comandante do Exército Brasileiro em operações no Paraguai, defronte de sua residência de campanha em Tuiuti. Alegoria verossímil, elaborada sob orientação do Autor, com apoio de diversas fontes, e que reconstitui, com fidelidade, as modestas instalações de seu alojamento.





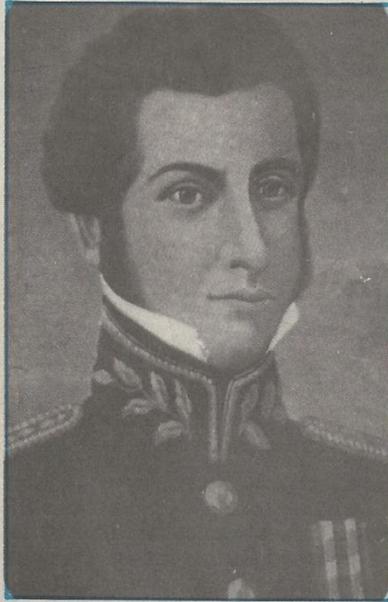
*Óleo do então Marquês de Caxias, em trajes civis, antes da Guerra da Tríplice Aliança. Lembra o grande estadista brasileiro que realizou obra, como militar, e política de grande projeção nos destinos do Brasil. (Fonte: acervo do Arquivo Nacional.) ▼*



▲ Foto da gravura de N.S. da Conceição, Padroeira do Exército Imperial do Brasil e que o Duque de Caxias mantinha em seu quarto, na Fazenda de Santa Mônica onde veio a expirar no início da noite de 7 de maio de 1880. A gravura original pertence há 42 anos ao patrimônio da Academia Militar das Agulhas Negras, achando-se em posição de destaque no Museu Acadêmico. (Fonte: Arquivo Eugênio Vilhena de Moraes.)



▲ Espada de campanha e binóculo que pertenceram ao Duque de Caxias e que integram o acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. As duas relíquias aparecem em composição com seu retrato oficial e com peças do uniforme histórico dos cadetes do Exército, incluindo um espadim, arma-distintivo e privativa dos cadetes, e cópia fiel reduzida de sua gloriosa espada. (Fonte: Serviço de Comunicações – AMAN)

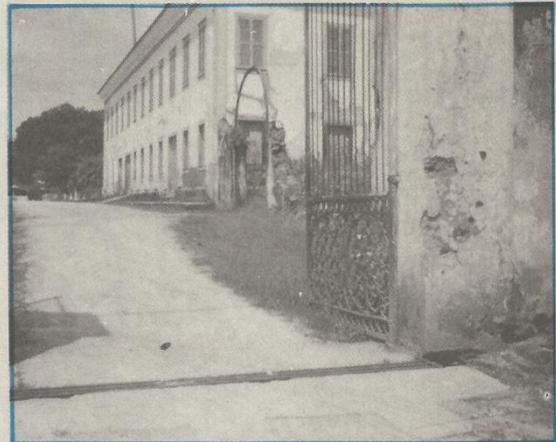


▲ *General João Manuel de Lima e Silva, o primeiro general feito pela República Rio-Grandense e um de seus maiores mártires. Era tio do Duque de Caxias e dois anos mais moço que este. Conviveram cerca de cinco anos como cadetes do atual Batalhão Sampaio e dois anos como alunos da Academia Real Militar. O general foi preso em 18 de agosto de 1837 e assassinado pelos seus captores no dia seguinte, no Passo do Acampamento no rio Piratini. Sepultado em Caçapava, posteriormente seus restos mortais foram profanados e espalhados pelos campos. A lembrança triste desses fatos esteve sempre presente em Caxias, ao realizar a pacificação do Brasil de 1839 a 1845. (Fonte: Editora Abril).*

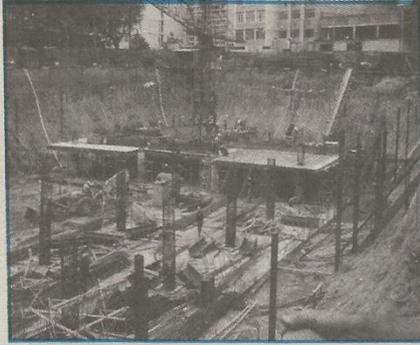


▲ *Fachada da sede da Fazenda Santa Mônica onde o Patro- no do Exército passou os seus últimos 850 dias. Ao cen- tro, no segundo piso, aspecto da varanda onde o velho marechal, com a sensação do dever bem cumprido, pas- sava horas e horas contemplando a paisagem do rio Pa- raíba, preso a uma improvisada cadeira de rodas. (Fonte: acervo do autor.)*

*Entrada da Fazenda Santa Mônica, voltada para o Rio Paraíba, vendo-se em primeiro plano, no canto superior do prédio, as duas janelas do quarto onde o Duque de Caxias viveu seus últimos dias de sua proveitosa exis- tência, e onde veio a expirar, no início da noite de 7 de maio de 1880, cercado dos familiares mais íntimos, de um confessor e de seu fiel empregado e amigo. O prédio não está sendo usado e parece seguir o mesmo destino do seu palacete na Tijuca, demolido conforme o registra o Estado de São Paulo em ampla matéria, em sua edição de 17 de fevereiro último e 1º de março. (Fonte: acervo do Autor.) ▼*



▲ *Medalha da Campanha da Independência, condecora- ção de que mais o Duque se orgulhava. Na campanha pela Independência na Bahia, o futuro Duque de Caxias teve seu batismo de fogo aos vinte anos de idade. Tinha grande orgulho de sua condição de veterano da Indepe- dência e em seu sepultamento um veterano daquela campanha falou, levando-lhe as últimas homenagens dos que ainda viviam na época. (Fonte: HEB). ▶*



▲ Aspecto atual do local onde o Duque de Caxias possuiu sua residência, na rua Conde de Bonfim, entre as ruas Visconde de Figueiredo e Conselheiro Azenha, no Bairro da Tijuca. Esta construção, que fora na vida do patrono o seu refúgio de guerreiro, no intervalo de suas campanhas militares, foi lamentavelmente demolida conforme registram as edições de 2 de fevereiro e 1º de março último do Estado de São Paulo. (Fonte: acervo do Autor).

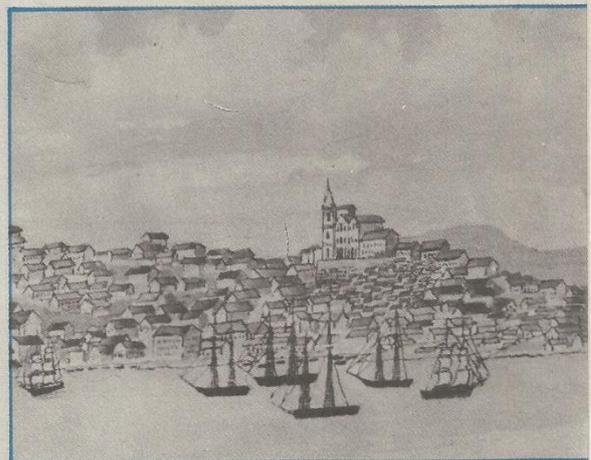


▲ O Duque de Caxias, após pacificar a Revolução Farroupilha, ficou intimamente ligado aos rio-grandenses por profundos laços de admiração recíproca. Os rio-grandenses, como excepcionais soldados de cavalaria, constituíram apoio decisivo ao Patrono do Exército em suas vitórias militares em nossas lutas externas de 1851 a 1870. (Fonte: C. Doc. Ex.).



▲ Altar portátil mandado confeccionar e usado pelo Duque de Caxias na Guerra do Paraguai. Integra o acervo do Convento de Santo Antônio. Rezaram missas neste altar os capelães Frei Fidelis e Frei Salvador de Nápolis que acompanharam o Patrono do Exército naquela campanha. (Fonte: Coleção Vilhena de Moraes).

Porto Alegre por volta de 1840-52, período em que o Patrono do Exército foi Presidente da Província do Rio Grande, ao final da Revolução Farroupilha e durante a Guerra de 1851-52. Ao fundo, ao lado da igreja, atual Catedral de Porto Alegre, o Palácio do Governo, substituído neste século pelo atual Palácio Piratini. (Fonte: C. Doc. Ex.)





▲ *Academia Real Militar (1813-75), Largo de São Francisco, Rio de Janeiro, freqüentada de 1818 a 1821 pelo então cadete, alferes e tenente, e futuro Duque de Caxias e atual Patrono do Exército Brasileiro. Atualmente no local funciona a Escola Nacional de Engenharia. (Fonte: Editora Abril).*



▲ *Baronesa de Suruy, dama do Paço. Foi a esta irmã que Caxias doou a sua Grã-Cruz da Ordem de D. Pedro I, que integra atualmente o acervo do Museu Mariano Procópio. (Fonte: Coleção V. de Moraes).*



▼ *Convento de Santo Antônio — Rio, que conserva em seu museu um altar portátil para a celebração de missas em campanha. Foi mandado confeccionar e usado pelo Duque de Caxias na Campanha do Paraguai. O referido convento, através de sua imagem de Santo Antônio do Relento, tenente-coronel do Exército Brasileiro, acha-se intimamente ligado às tradições militares dos cariocas que participaram de lutas no Sul de 1680-1870. Durante alguns anos, em 25 de agosto, Dia do Soldado foi costume celebrar-se missa no Largo da Carioca, defronte do Convento, usando-se o altar portátil do Duque de Caxias. (Fonte: acervo do Autor.)*



◀ *Óleo de D. Ana Luísa, Duquesa de Caxias, o grande amor e inspiração da vida e obra do Patrono do Exército. Viveram 41 anos de feliz e modelar casamento de 1833-74, conforme o registra Vilhena de Moraes em suas obras. Fonte: Sala dos Professores da Academia Militar das Agulhas Negras.* ▶

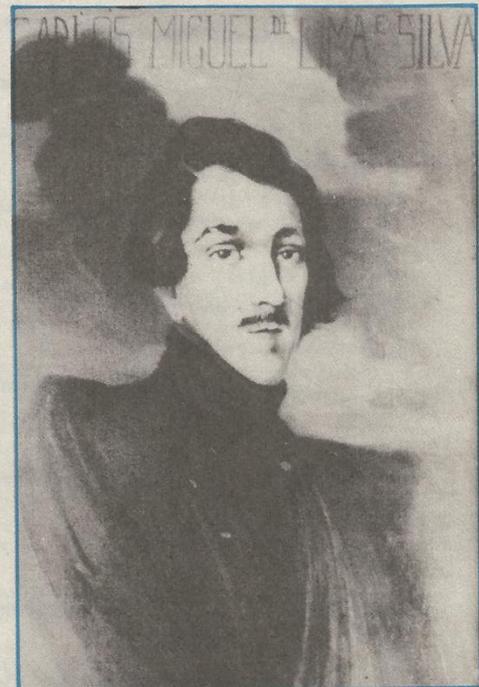
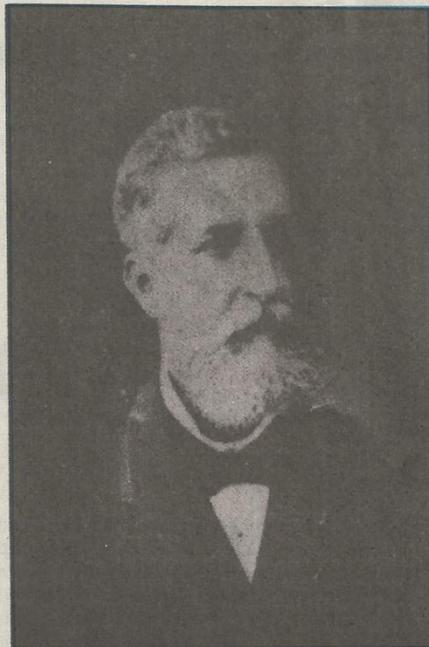
*A filha mais moça do Duque de Caxias, Baronesa de Santa Mônica, em cuja fazenda em Vassouras, ele findou seus dias, em 7 de maio de 1880. (Fonte: Coleção V. de Moraes). ▼*



*A filha mais velha de Duque de Caxias, D. Luisa de Loreto, Viscondessa de Quissamã, em cujo palacete na Tijuca ele foi velado na noite de 9 para 10 de maio de 1880. (Fonte: Coleção V. de Moraes). ▼*



*Visconde de Tocantins, herói do combate de Santa Luzia. Com esse irmão o Duque de Caxias manteve estreito e descontraído intercâmbio epistolar. Sua vitória em Santa Luzia muito deveu à atuação desse irmão. (Fonte: Coleção V. de Moraes). ▼*



*Carlos Miguel de Lima e Silva, irmão mais moço de Caxias e que, segundo sua expressão, "parecia um leão combatendo em Santa Luzia." (Fonte: Coleção V. de Moraes). ▲*